



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

ESPAÇO E TERRITÓRIO NA TRILOGIA TORRESIANA À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS

Amanda da Silva
PPGLDC/UEFS
amanda_uefs@yahoo.com.br

Resumo: O tema espaço possui relevância teórica em diversas áreas do conhecimento. Por este motivo, primeiramente, é preciso reconhecer esta proposta de trabalho em uma perspectiva interdisciplinar. O espaço que pretendemos abordar é o espaço dos estudos de cunho culturalista, que veem o espaço como categoria de representação, como conteúdo social, reconhecido extra-textualmente, que se projeta no texto. Nessa perspectiva, propomo-nos a discutir e analisar os conceitos e significações de espaço nos romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), trilogia do escritor Antônio Torres. Estes romances narram o complexo processo de migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo, bem como a encruzilhada cultural a que são lançados. Instalados nesse espaço conflituoso, os indivíduos vivem na dimensão da espacialidade, mas não se abre mão dos lugares, querem-se os percursos e precisa-se dos mapeamentos. Nessa perspectiva, os conflitos organizam e desorganizam os modos de experimentar e viver o mundo. A presente pesquisa configura-se como quantitativa, pois não se configura em dados quantitativos, numéricos; é descritiva, pois descreverá características referentes ao comportamento dos personagens, ao panorama social, aos aspectos políticos e culturais da época. Tem como procedimento o método monográfico, pois, segundo Lakatos & Marconi (2001, p. 108), nesse tipo de procedimento “a investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciam e analisando-o em todos os seus aspectos”. A abordagem é dedutiva-dialética.

Palavras - chave: Trilogia torresiana. Representação do espaço. Estudos culturais.

Introdução

O tema espaço possui relevância teórica em diversas áreas do conhecimento e remete a vários outros conceitos que estão intercalados com este de alguma forma, como por exemplo, território, fronteira, tempo, local, global, dentre outros. Abordar esse conceito com foco de análise na trilogia do escritor baiano Antônio Torres requer uma observância rigorosa ao sentido que esses conceitos irão representar.

Os romances *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006), trilogia do escritor Antônio Torres, narram o complexo processo de migração dos nordestinos para a cidade de São Paulo, bem como a encruzilhada cultural a que são lançados. Estas obras inserem-se no contexto da pós-modernidade, esta marcada por uma nova ordem mundial de mobilidade, de histórias sem raízes, de estadias efêmeras que acabam por entrelaçar, chocar e sobrepor os elementos culturais.

Os romances de Torres apresentam uma temática cara aos estudos culturais e sociais contemporâneos: a mobilidade/deslocamento, questões de identidade, de (des)territorialização, tudo isso demonstrado na trajetória do personagem Totonhim, que é o protagonista dos três romances, e é através de sua trajetória que buscamos uma compreensão desses aspectos nos romances em questão.

Michael Foucault (2001, p. 411) afirmou que

A época atual seria de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo. Do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta [...] menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama.

Esta descrição nos leva a considerar as justaposições, as sobreposições, os entrelaçamentos como os elementos norteadores da época atual, e essa trama entrecruzada, da qual nos fala o autor, seria o modo de vida, as negociações sociais e culturais que se estabelecem entre os indivíduos em meio a essas justaposições/sobreposições. Esta sociedade traz o conflito como a norma possível. Os acessos são disjuntivos pelo fato de nem todos usufruírem de tudo que o espaço oferece, fragmentados por conta da incongruência dos processos de negociações entre os sujeitos. Como disse Certeau (1996 p.202), “o espaço é um lugar praticado, que passa a existir em decorrência do cruzamento de movéis [*peças*]¹”.

Torres ambienta *Essa terra* e *O cachorro e o lobo* no Junco, cidadezinha do interior baiano. No primeiro, Totonhim assiste à volta do irmão Nelo da cidade de São Paulo, um vencido pela cidade grande que vem se suicidar na terra onde nasceu; no final, Totonhim decide fazer o mesmo percurso com o intuito de construir uma outra história. A decisão foi tomada após o enterro do irmão, quando teve uma última conversa com o pai, depois de este reclamar que havia poucas pessoas no enterro de Nelo. Totonhim lhe pergunta o que ele irá fazer agora, o velho divaga e não acha uma resposta convincente. Depois de Totonhim insistir e repetir a pergunta por três vezes, sente-se perdido no meio daquela situação:

Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho. Tudo o que me restava era um imenso absurdo. Mamãe Absurdo, Papai Absurdo. Eu Absurdo. ‘Vives por um fio de puro acaso’. E te sentes filho deste acaso. (TORRES, 2001, p. 110)

O segundo trata da visita de um dia que Totonhim faz ao Junco, depois de vinte anos em São Paulo. *O cachorro e o lobo* é um livro de recordações. É uma narrativa que conta tudo aquilo que vem à lembrança de Totonhim quando ele revê seu lugar de origem e se pergunta: “ainda terei um lugar aqui?” (TORRES, 1997, p. 83). Mas não só as memórias ocupam a narrativa: há também comparações entre o Junco da infância e

¹ Grifo nosso.

um Junco “modernizado”. A estadia de Totonhim no Junco dura apenas um dia, tempo suficiente para voltar ao passado e rememorar a metade da vida que passou naquele lugar e equiparar essa vida passada com os 20 anos que viveu em São Paulo, onde se tornou uma pessoa de classe média, funcionário do Banco do Brasil, por coincidência a única agência bancária do Junco.

Essa narrativa assemelha-se a uma “contação de causos”. Totonhim é um bancário muito afeito a leituras, as referências literárias acompanham as histórias da juventude assim como as canções. É como se o narrador deixasse livres os canais associativos e a cada lembrança reunisse tudo o que vem junto delas. Passagens de livros, versos de poemas e letras de canções vêm à tona no reencontro que o personagem tem com sua terra. Podemos ilustrar essa afirmação com essa passagem:

Chegamos ao carro. Abro a porta para ele entrar. Quando me sento no banco do motorista, sinto as pernas pesadas, os músculos doloridos. Eis aí a P.V.C. Puta Velhice Chegando. O meu pai, porém, dobrou os joelhos sem se queixar de nada. Em sua homenagem, pego no portaluvas uma fita que eu trouxe, com uma seleção de alguns clássicos do repertório de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião (TORRES, 1997, p. 163).

Já o romance *Pelo fundo da agulha* é um relato de crises vividas pelo personagem, depois de vinte anos da visita a sua terra de origem. Totonhim refaz o percurso de sua trajetória de vida e revisita as cidades por onde passou, dentro de um plano imaginário entre sono e vigília, fragmentos de memória e hipóteses do que foi ou poderia ter sido a sua história.

Nos livros anteriores, São Paulo já se apresentava como um contraponto ao Junco, o que não se limitava a uma simplista oposição cidade/campo. Aqui, São Paulo equaciona a grande metrópole com seus núcleos de imigrantes e seus conflitos e estabelece relação com o mundo globalizado, através de outras cidades geograficamente denominadas ou simbolicamente imaginadas.

Instalados nesse espaço conflituoso, os indivíduos vivem na dimensão da espacialidade, mas não se abre mão dos lugares, querem-se os percursos e precisa-se dos mapeamentos. Nessa perspectiva, os conflitos organizam e desorganizam os modos de experimentar e viver o mundo.

1 Pós-colonialismo, globalização econômica e cultural, fronteiras e deslocamentos

Os chamados estudos pós-coloniais ganham espaço nas academias e se voltam para questões referentes aos países que foram colonizados ou tiveram em sua formação conturbações de ordem política, econômica, militar e que de certa forma interferiram no social e no cultural.

Segundo Bhabha (2005, p. 306), “Rever a questão do espaço global, a partir da perspectiva pós-colonial é remover o local da diferença cultural do espaço da pluralidade demográfica para as negociações fronteiriças da tradução cultural”.

Dentro desses espaços, entram as culturas globais, que surgiram com a tentativa de homogeneização das culturais locais/nacionais, para o âmbito global, isso feito por meio do processo de globalização. De acordo com Appadurai (1999, p. 324), “O aspecto da cultura global atual é a política do esforço mútuo da igualdade e da diferença”. Essa controversa afirmativa ancora o ponto crítico desse processo de cultura global atual, “numa cena caracterizada pelas disjunções entre diferentes espécies de fluxos globais e os panoramas incertos criados nestas e através dessas disjunções” (APPADURAI, 1999, p. 325).

Além do passado de colonizado que temos e com as múltiplas divergências que sempre perpassaram as questões sociais e culturais no país, de uns anos pra cá vemos despontar questões outras que já não se referem à nacionalidade, que já foi tão buscada. O que se coloca em questão no momento são as divergências causadas pelo liberalismo econômico que culminou na era pós-moderna, a era da homogeneização econômica e da mutável globalização.

Antônio Torres cria entre-sujeitos ambivalentes, procurando os fragmentos das suas identidades quebradas entre raízes e rotas num país fronteirizado. Utilizando o silêncio como metáfora de uma comunicação intracultural baseada em diferenças regionais e, neste processo, reescreve a cultura como um efeito de significação antagonico produzido por relações entre regiões diferentes dentro do espaço-nação.

Nessa perspectiva, destacamos as consequências das migrações na vida desses sujeitos, seus dramas existenciais, pois não é fácil adaptar-se a outra forma de vida, a outra cultura, principalmente na era da industrialização, do capitalismo selvagem que “devora” as pessoas, lentamente.

Utilizamos também o conceito de disseminação, que, segundo Bhabha (2007), seria a dispersão dos povos e estaria interligada a um localismo temporal (não histórico), uma "transposição" dessas pessoas em um outro espaço, uma forma de vida ligada à 'afiliação' social e cultural, bem como em termos de mundo globalizado. No caso do nosso trabalho, esse processo ocorre no mesmo espaço-nação, são fronteiras nacionais. Para Bhabha, isso ocorre por conta das "manobras ideológicas" de quem está no poder em 'criar' "comunidades imaginadas", na tentativa de homogeneizar o que é plural e "converter o Povo em Um". Ou seja, é um processo de desestruturação do ser ao qual se juntam a disseminação da identidade, do senso de pertencimento a alguma comunidade local - o que acaba por proporcionar a ilusória “agregação” a uma comunidade global “imaginada”.

Esse processo pode ser notado em todos os romances estudados, porém está mais fortemente evidenciado em *Pelo Fundo da Agulha*, um romance psicológico que traz o peso de uma vida "vazia", de uma identidade despedaçada sem completude em qualquer sentido.

Para Roland Walter (2006), esta disseminação global da economia e da cultura, baseada num paradigma liberal, tem que ser visto junto com as raízes culturais locais, baseadas num paradigma tradicional (e em geral mais conservador). Em outras palavras, a globalização alimenta-se da tensão entre coesão e dispersão, raízes fixas e rotas rizomáticas, homogeneização e heterogeneização, fronteiras abrindo para seus espaços fronteiriços e fronteiras fechadas. Em termos culturais, portanto, a globalização poderia ser vista enquanto encruzilhada mediada por transculturação: as diversas maneiras de elementos culturais se encontrarem e se renovarem no espaço glocal.

A globalização, segundo Giddens (1990, p. 64), seria “a intensificação das relações sociais mundiais que ligam locais distantes de tal maneira que acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a muitas milhas de distância e vice-versa”.

Poderíamos então definir encruzilhada cultural enquanto lugar de confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psíquicos. Como o lugar onde várias posições de sujeito se cruzam ou são justapostas, contestadas, afirmadas e negadas e onde aquilo que é aceitável/permisível e aquilo que é proibido/transgressivo se encontram. Portanto, é aquele lugar onde as genealogias dos dispersos se entrelaçam com aquelas dos nativos enraizados. Os personagens torresianos, fracassam porque não conseguem compreender uma realidade complexa e esmagadora, uma realidade de crises vividas.

Foi essa a impressão que a cidade e a vida moderna deixaram em Totonhim: "Era outra a cidade, e outro o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios" (TORRES, 2006, p. 7).

Esse fragmento nos mostra a dimensão do que a aposentadoria de Totonhim fez despertar na consciência de vida do personagem: "outra cidade" que não era certamente o Junco, lugar de memória; "outro país" que não era o que se imaginou um dia; "outro mundo", com um modo de vida totalmente diferenciado; enfim, o "outro" que reflete ele próprio, que, embora seja a "mesma" pessoa, não tem mais a completude do seu ser, pois vive a fragmentação de sua identidade e a incompreensão desse processo.

Estão "fadados" à errância, entre o passado, presente e futuro, movem-se de uma desterritorialização a outra dentro de uma sociedade que não os preparou no passado para o presente, nem os prepara para o futuro. Sociedade esta que vive a era da chamada pós-modernidade em que identidades são questionadas a todo instante, em que fronteiras simbólicas são mais "fixas" do que as geográficas, por seu poder de interferir diretamente na vida do sujeito.

Como disse Bhabha (2005), as manobras ideológicas são as armadilhas que induzem o sujeito a uma "afiliação cultural" imaginária, pois dificilmente um nordestino vai ser um sulista algum dia, vai sempre ter resquícios de um pertencimento que ficou para trás e que não foi esquecido. O personagem Totonhim vive o drama de ser um nordestino funcionário público aposentado, que, mesmo depois de 40 anos vivendo em São Paulo, não se sente pertencente àquela cidade. Sua vida gira em torno de um passado, do seu passado no interior do Nordeste, onde imaginava ser seu lugar, ao qual imaginava pertencer.

Appadurai (1999, p. 312) argumenta que "A nova economia global procura ser interpretada como ordem disjuntiva, superposta e complexa, que não pode mais ser interpretada em termos de centro e periferia existentes". Como constata Totonhim, "A gente está sempre indo e vindo. Essa terra é a nossa sina. O destino dessa terra. Ir e vir, vir e voltar". Portanto, sem um destino certo, um interstício onde se negocia com o social e com o cultural para viver.

Portanto, o "espaço da pluralidade demográfica" há muito já não suporta mais essa questão, pois legitimar as diferenças intra-regionais não resolve; é preciso, ao menos, tentar compreender como, por meio dos deslocamentos, dos fluxos de pessoas dentro do espaço-nação, acontece o choque cultural - e por que não social? - e as consequências que estes trazem para os indivíduos que os vivenciam.

Outro aspecto que pode ser evidenciado nos romances em questão são os processos de desterritorialização e reterritorialização, os quais são caracterizados pela "[...] perda da relação natural da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas" (CANCLINI, 2000, p. 309). Esses aspectos se evidenciam no personagem Totonhim quando este deixa sua terra e a sua cultura e repentinamente se encontram em outro território, em outra cultura. Para Milton Santos (2008), essa desterritorialização também pode ser vista como desculturalização, uma vez que os indivíduos se veem forçados a se inserirem em uma outra cultura, o que requer um certo distanciamento da cultura de "origem".

Quando ocorre o deslocamento, o indivíduo é confrontado com novas identificações locais, pois, ao contrário do que se queria nos diversos projetos de construção da nacionalidade, as culturas nacionais são atravessadas por profundas divisão e diferenciação internas, havendo hoje consenso acerca do fato de que as culturas modernas são mesmo todas culturas híbridas. Neste sentido, o personagem

Totonhim sofre os efeitos deste processo de desterritorialização agindo em sua vida, sem, contudo, entendê-lo.

No último livro da trilogia, a cidade de São Paulo tem um lugar privilegiado, mas não exclusivo. Paris, Babilônia, Nova York, etc. são contrapontos que estabelecem diálogo do mundo globalizado com a provinciana origem que não oferece qualquer garantia de territorialidade. Totonhim expressa sua condição de “exilado” dentro do espaço-nação quando diz: “Agora cá estava. Sim, com meio caminho andado, entre o passado e o futuro. Ainda não avistara o sinal verde franqueando-lhe a passagem, no viaduto entre os dois tempos” (TORRES, 2006, p. 28).

A questão das negociações fronteiriças é um outro ponto que emerge quando tratamos de mediações culturais, pois, como disse Certeau (1996, p. 214), “A fronteira é um vácuo simbólico narrativo de intercâmbios e encontros”. Então, como caracterizar/compreender algo que é, em si, um vácuo, o que é negociável nessa dimensão?

Segundo Roland Walter (2002), em seu livro *Narrative Identities*, a mobilidade, o movimento são as pistas iniciais para encontrar os limites das fronteiras no mundo contemporâneo. Neste, o movimentado fluxo de pessoas, economia global flexivelmente interconexa, capitais flutuantes, relativização do movimento físico por conta das redes de informações - afeta de forma diversa indivíduos e grupos humanos nos diferentes locais.

Zygmunt Bauman (2002), em seu livro *Modernidade líquida*, traz à baila essa problemática, e vai mais longe quando diz que as diferenças podem ser tornadas invisíveis ou impedidas de serem percebidas. Citando o termo cunhado por Jerzy Kociatkiewich e Monika Kristeva dos “espaços vazios”, diz que “os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado” e que nestes “a questão da negociar diferenças nunca surge: não há com que negociá-la” (BAUMAN, 2002, p. 120). Totonhim se sente nessa dimensão, quando se vê entre os dois tempos sem ter com quem dividir a sua angústia.

Como afirma Eagleton (2005, p. 38),

Não existe apenas um único tamanho ideal de sociedade a qual pertencer, nenhum espaço sapatinho de cristal. O tamanho ideal de comunidade costumava ser conhecido como estado - nação, mas mesmo alguns nacionalistas já não vêem mais isso como o único âmbito desejável.

Portanto, esse novo espaço que se nos apresenta influi na nova ordem social e cultural que vivenciamos, pois não se concebe mais a cultura, a identidade e as fronteiras como coisas fixas, pertencentes aos indivíduos. Eagleton ainda coloca que “precisamos imaginar novas formas de pertencimento – que, em nosso tipo de mundo, tenderão a ser múltiplas, em vez de monolíticas” (Idem, p. 38).

Outro ponto importante a ser observado é, segundo Haesbaert (2002, p. 135), “O território envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço” e que neste a mobilidade é controlada, com o intuito de mapear e indicar percursos, o que, no caso do território cultural, não tem dado muito resultado. As mobilidades têm proporcionado/gerado a desterritorialização cultural, um desenraizamento simbólico-cultural. Appadurai (1999, p. 318) afirma que “a desterritorialização é uma das forças básicas do mundo moderno”.

Desta maneira, a cultura para ser compreendida precisa ser re-territorializada, pois toda desterritorialização é seguida de uma re-territorialização, como movimento único. “A desterritorialização tem a virtude de afastar o espaço do meio físico que o

aprisionava, a reterritorialização o atualiza como uma dimensão social. Ela o 'localiza'. Estamos, pois distante da idéia de 'fim' do território" (ORTIZ, 1999, p.65).

Pois, como afirmou Haesbaert, os lugares não estão simplesmente perdendo identidades, relações, história. Tal como em relação à territorialidade, cada vez mais múltipla, eles muitas vezes estão se redefinindo pela multiplicidade de identificações, relações e história que possam incorporar.

Vivemos em um mundo em que tudo está interligado por redes, seja de comunicação, de economia, de culturas, como assegura Milton Santos (2008, p. 333),

Do mesmo modo que não há um tempo global, único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização, espaços mundializados reunidos por redes.

Essa é a lógica da globalização fortalecida pela existência dos blocos econômicos como União Européia, Nafta e Mercosul, dentre outros. As redes de comunicação também são decisivas para a existência desses 'espaços da globalização'. Bhabha defende a existência do espaço global, numa dimensão maior. Para o autor, a existência deste está ligada a uma unificação, mesmo que seja simbólica, mas sem divisão. Já para Milton Santos, não há como se pensar esse espaço totalizante, mas como fragmentos, talvez blocos, como no caso da economia.

Os dois pontos de vista podem ter razão, uma vez que Bhabha tenta totalizar, rever as diferenças, acentuá-las, enquanto Milton Santos não concebe essa dimensão, ele fragmenta, forma "espaços", locais ou povos que podem ter características em comum.

2 Considerações finais

Quando tratamos de espaço, somos forçados a abordar outras questões que estão ligadas a este de alguma forma. Como o espaço não é homogêneo, ele é resultado das ações econômicas, sociais e culturais coletivas, não pode ser visto como um conceito isolado, mas que só pode ser entendido a partir da interação com os demais fatores.

Não é uma tarefa simples tratar de deslocamento/migração, seja entre países, seja dentro do próprio estado-nação, pelo fato de ser um ato quase sempre forçado, hoje não mais pela busca de exílios políticos ou por fuga de guerras, mas por busca de condições financeiras melhor, fuga de fome e de condições adversas várias.

A trilogia de Antônio Torres traz essas questões na história do personagem Totonhim, que é um nordestino que saiu do interior da Bahia com o intuito de construir uma nova história, de mostrar que é possível ter uma situação financeira estável e que o nordestino também é capaz de ascender socialmente.

Pelo fato de os espaços não serem homogêneos, evoluem de forma desigual, e a difusão dos objetos modernos e o aparecimento das ações modernas não se dá da mesma maneira em toda parte. Às vezes por causas políticas, como foi o caso do desenvolvimento desigual entre Sudeste/Nordeste, outras por razões climáticas, que também contribuiu para a disparidade entre essas regiões.

Procuramos com este estudo abarcar e compreender questões como a situação dos povos colonizados, como é o caso da nação brasileira, na dimensão dos Estudos Pós-Coloniais, deslocamento, fronteiras, globalização, bem com os demais conceitos que emergem quando tratamos de espaço cultural e território nacional.

Referências

- APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferenças na economia cultural global”. In: FEATHERSTONE, Mike (Coord.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Tradução de Attilio Brunetta. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- EAGLETON, Terry. **Depois de teoria**. São Paulo: Record, 2005.
- FOULCAULT, Michel. Outros espaços. In: _____. **DITOS & ESCRITOS III – Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.
- HAESBAERT, Rodério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Editora contexto, 2002.
- ORTIZ, Renato. “Um outro território”. In BOLAÑO, C. R. S. (Org.), MIÈGE, B. et al. **Globalização e regionalização das comunicações**. São Paulo: EDUC; São Cristóvão: Editora UFS, 1999.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- TORRES, Antônio. **Essa terra**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **O cachorro e o lobo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. **Pelo fundo da agulha**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. **Narrative Identities: (Inter)Cultural In-betweenness in the Americas**. Bern/ Berlin/New York: Peter Lang, 2002.
- _____. **Transferências interculturais: notas sobre trans-cultura, multi-cultura, diásporas e encruzilhadas**. Sociopoética, v.1, p. 63-74, 2006.